

A RAPOSA
E O CERVO:
CONTANDO HISTÓRIAS

J. C. FÉLIX

1ª Edição
2026

Copyright © 2025 por J. C. Félix

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Félix, J. C.

A Raposa e o Cervo : contando histórias / J. C. Félix. –

Fortaleza, CE : Uiclap, 2025.

262 p. : il. ; 21 cm.

Ilustrações: Minna.

Revisão: Beatriz F. A. Barbosa.

Arte e design de capa: J. C. Félix.

Diagramação: Senara Sousa

ISBN 978-65-01-83772-7

1. Realismo mágico. 2. Fantasia. 3. Romance. I. Título.

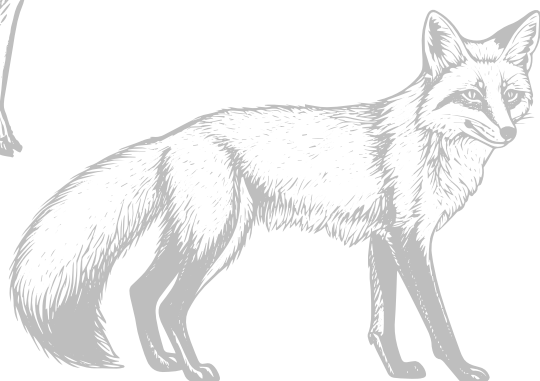
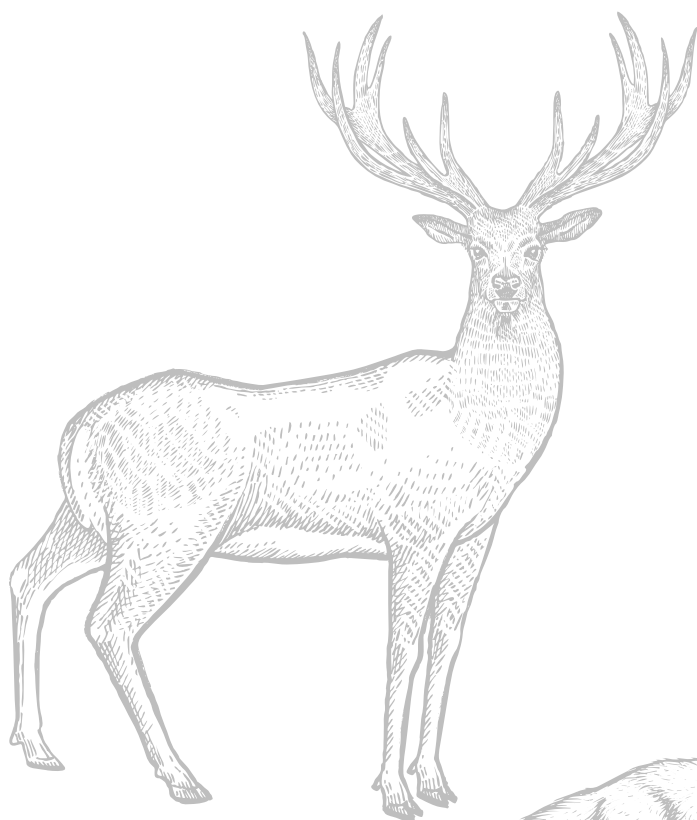
CDD: 869.93

CDU: 821.134.3-31

Todos os direitos desta edição reservados à

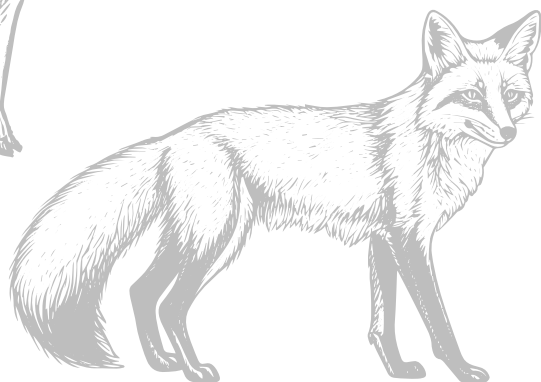
J. C. Félix.

Para o meu gato, que se chamava “*Meugato*” e
foi o meu melhor amigo.



Nota Da Autora

Este livro traz representações de **violência e suicídio**, além de descrições que podem perturbar alguns leitores. Considere o efeito que esses temas podem ter sobre você.





NA PENUMBRA DO CREPÚSCULO, uma jovem escritora residia em um apartamento apertado, no alto de um prédio esquecido pelo tempo. Naquele dia em especial, enquanto a tarde cedia lugar à noite, sentia-se prisioneira de uma história que não avançava, marcado pelo tique-taque irregular de um relógio pitoresco na parede. Sentada à mesa, seus olhos vagavam pela bagunça à sua frente: papéis amassados se acumulavam em pilhas desequilibradas, o computador esperava em silêncio, e uma fina camada de poeira repousava sobre os livros.

Do lado de fora, a vizinhança permanecia imóvel em sua aparente tranquilidade, mas a escritora preferia o céu, onde tons de azul e laranja disputavam os últimos momentos de luz do dia.

— Só mais um pouco — sussurrou, a voz quase inaudível no apartamento abafado. Levantou-se e abriu a janela em busca de alívio. Era outono, finalmente. Dias mais curtos e noites mais

longas. O clima estava ameno, tão diferente do calor opressivo do verão. Com a cabeça próxima à janela, deixou o olhar se perder nas ruas embaçadas lá embaixo. Figuras apressadas caminhavam sem notar sua presença, e ela ansiava, com uma pontada no peito, pela chegada da noite.

— O que posso fazer? — murmurou, com um toque desafiador na voz, observando o anoitecer. Depois de um momento, acrescentou: — Não detesto o dia, somente prefiro a noite.

Virou-se de volta para o interior do apartamento. Sua cadeira a esperava, com a almofada torta no encosto. Sentou-se e, ajeitando a almofada com um gesto automático, fechou os olhos. Tentou imaginar como seria voltar a escrever com paixão, no entanto tudo o que sentiu foi um vazio persistente.

Foi então que percebeu uma presença na janela.

Ao abrir os olhos, viu a Raposa. Suas orelhas pontudas eram delineadas contra o brilho pálido do crepúsculo, e a silhueta projetava sombras dançantes pelas paredes do cômodo. Os olhos da criatura brilhavam com malícia.

No sofá ao lado, que há tempos perdera sua função de sofá para servir como cama improvisada, estava o Cervo. Ele parecia tão confortável ali quanto se estivesse deitado em uma clareira ensolarada.

— Você está atrasada — provocou a Raposa, pulando para dentro com um salto ágil. Sua voz, cheia de sarcasmo, ecoou pelo apartamento silencioso.

— Estive aqui o tempo todo — respondeu a jovem escritora, sem surpresa. Seus olhos permaneciam fixos na Raposa, porém sua expressão parecia ausente.

— De qualquer forma, alguém está atrasado — continuou a Raposa, lambendo preguiçosamente a pata. — Mas não estou surpresa. Você tem andado tão lenta ultimamente.

— Não me provoque — rebateu ela, sem alterar o tom. Ainda assim, havia algo em sua voz que não soava tão seguro.

O Cervo, do seu canto, ergueu a cabeça e piscou devagar, como se ponderasse antes de falar.

— Está achando que estou te provocando? Nem um pouco — disse a Raposa, fingindo indignação e, ao mesmo tempo, exibindo um sorriso provocador. — Mas é bom que saiba: sua escrita anda enfadonha.

A escritora quase reagiu, mas conteve o impulso. Palavras como aquelas conseguiam machucá-la, contudo não permitiria. Não ainda. Em vez disso, virou-se para o Cervo.

— Você concorda? — perguntou, como se quisesse encontrar algum tipo de consolo.

— A Raposa é sempre assim, não a leve tão a sério — respondeu o Cervo, com a serenidade de quem já tinha todas as respostas do mundo. Enquanto falava, a Raposa fazia caretas para ele, balançando o rabo felpudo como se esperasse que o Cervo reagisse.

— E você, o que pensa? — insistiu a jovem, voltando a atenção para o animal majestoso.

— Eu e a Raposa somos diferentes — contrapôs o Cervo, com a mesma paciência inabalável. — Minhas opiniões não serviriam se fossem como as dela.

— Me diga o que acha.

O Cervo suspirou.

— Meus pensamentos não te ajudarão a se conhecer melhor.

— Isso significa que concorda com a Raposa?

— Se acha que concordo com ela, talvez seja porque, no fundo, você pensa o mesmo — garantiu o Cervo, com um olhar que parecia enxergar o além. Suas palavras não eram acusatórias, mas a atingiram como se fossem.

Estou me sabotando?, pensou. Sentiu o peito apertar. Talvez fosse exatamente isso.

— Entendi, não precisa repetir — disse, desviando o olhar. Fingiu compreender as palavras do Cervo, porém por dentro sabia que ainda estava confusa.

A Raposa bocejou alto e, com um pulo ágil, subiu na mesa. Começou a brincar com os papéis amassados, empurrando-os para o chão como se fossem brinquedos.

— Podemos começar? — perguntou de repente, interrompendo o silêncio com sua voz impaciente.

A escritora alongou os braços, sentindo o peso nas costas. Sabia que não podia escapar da tarefa, não naquela noite. Encarou o computador, que parecia mais frio e distante do que nunca. As palavras não eram mais suas amigas; eram estranhas, uma língua que havia esquecido como falar.

Sentindo a Raposa e o Cervo a observarem, abriu o notebook e colocou os dedos no teclado.

— Quem começa? — inquiriu o Cervo, com sua voz suave. Quando não recebeu resposta, inclinou a cabeça, como se estivesse sorrindo. — Bem, o silêncio também é uma resposta.

O animal ajeitou o corpo no sofá, exalando calma. Após uma pausa, acrescentou:

— Contarei a história. Está pronta? — Olhou diretamente para a escritora.

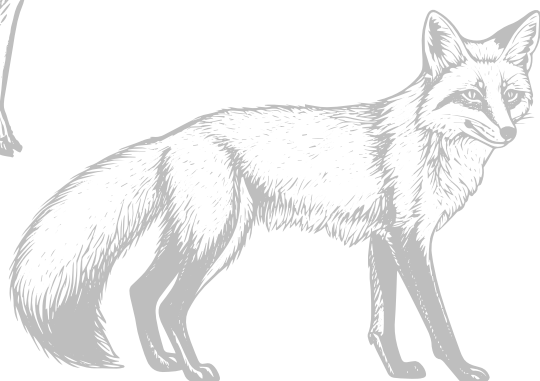
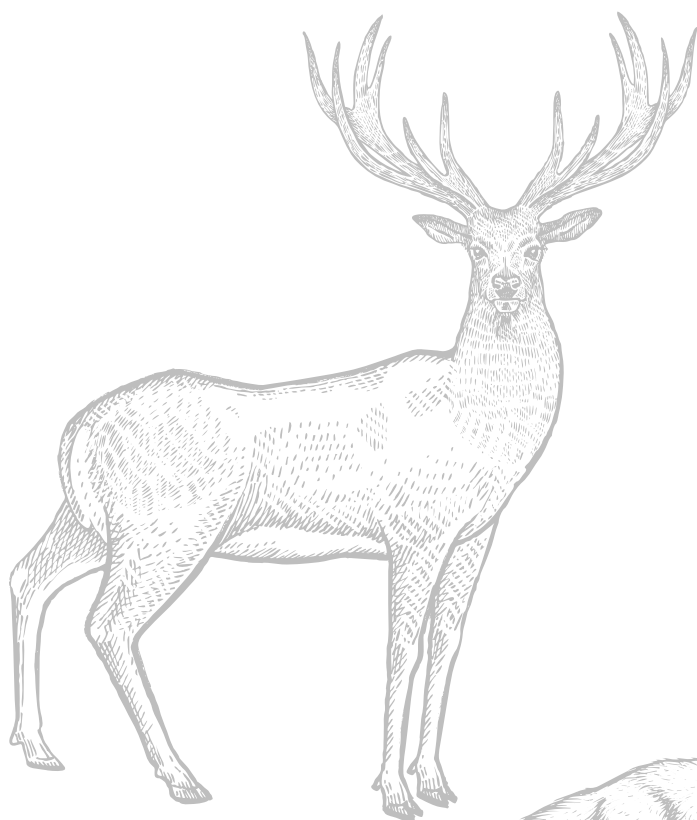
— Claro.

Assentiu, os dedos esticados. A tensão em seu peito começou a dar lugar a uma pequena centelha de algo familiar: inspiração. Enquanto o Cervo começava a narrar, os dedos, hesitantes no início, dançaram sobre o teclado.



YOKAZE

E FAZ-SE DOCE A JUVENTUDE,
ELA QUE CRESCE TÃO DEVAGAR.
DAS DORES QUE PASSAM PELO TOQUE
E A FALTA QUE VEM AO LEMBRAR.
UMA MÃE QUE VIVE À SOMBRA
DO PESAR E DA AFLIÇÃO,
É ALGUÉM QUE DESEJA INTENSAMENTE
UM MILAGRE PRESENCIAR.
NÓS TROUXE UMA
GAROTA PARDACENTA,
DE POUCOS SONHOS PARA CONTAR,
COM CORAGEM DE IR EM FRENTE, POR
ENTRE AS NUENS E O GRANDE MAR.
YOKAZE ELAS BUSCAM
E A NÓS ENCONTRARAM.
E O QUE AS AGUARDA NO FINAL?
UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA,
SOBRETUDO
IMATERIAL.





Capítulo 1

Um chicle significa

NEM TODOS SOFREM IGUALMENTE; somente aqueles que têm a coragem de confiar em seus corações entendem que a verdadeira liberdade vem de enfrentar os medos e seguir o que realmente toca a alma, além do que é visível. Para Stella — alta para sua idade, mas baixa para ser considerada mais velha —, a ideia de testar sua audácia e avaliar seus valores, aparentemente pequenos, era algo inimaginável. Assim, a história que se desenrola é mais do que uma simples viagem entre mãe e filha.

Sentada no táxi velho e mal conservado, Stella observava as pessoas pelas janelas embaçadas. Tinha o hábito de encontrar defeitos nos outros, em especial naqueles que não conhecia.

Ao notar uma senhora de roupas largas e chapéu floppy, carregando um maltês bem cuidado, Stella pensou: “*De que desenho animado ela saiu?*”. Esse comportamento tornava-se mais recorrente quando estava irritada, como agora, incomodada pelo tecido áspero de sua roupa.

O Sol brilhava morno e sereno, oferecendo beleza aos olhos, mas para Stella, com seu rosto pequeno e nariz arrebitado, a luz era um incômodo. Com música alta em seus fones, batia o pé ao ritmo, cantarolando a letra errada.

Logo, sua atenção foi atraída pelos aviões no céu, sinalizando a proximidade do aeroporto. Ela apertou os lábios, lançando um olhar enviesado para sua mãe, que se entretinha com guias turísticos durante toda a viagem.

Stella suspirou, expressando seu descontentamento com uma expressão emburrada.

A mãe de Stella, Thea, parecia despreocupada, imersa em seu próprio entusiasmo, deixando a filha afundada em seus pensamentos. Stella tinha em seu colo uma mochila verde, abatida pelo tempo. Dentro, encontravam-se itens essenciais: roupas, uma escova de cabelo, carregadores, fones de ouvido, um livro nunca lido, um caderno em branco, canetas vazias e lápis desgastados.

Inquieta, abria e fechava o zíper da mochila repetidas vezes, os dedos tomados pelo tédio.

— Pare com isso, não vai conseguir — disse Thea, entretanto Stella estava perdida na música que inundava seus ouvidos. A mãe esticou a mão e retirou um dos fones da cabeça de Stella.

— Stella? Não me ouviu?

— O quê? — Stella piscou duas vezes, olhando para a mãe.

— Você está fazendo de novo.

— Fazendo o quê? — perguntou a filha.

— Tentando me irritar — Thea cantarolou.

— Não estou — respondeu, virando-se para a janela embaçada, convencida de que tinha tido sucesso em seu pequeno ato de rebeldia.

Logo depois, o taxista estacionou, o carro velho emitindo um ronco alto. Stella fez uma careta para o motorista, que não entendeu seu sarcasmo e sorriu de volta, exibindo a falta de um dente. Stella corou, lutando para não rir.

— Aqui está, senhor — disse Thea, de pé no meio-fio, enquanto Stella lutava para retirar uma mala enorme do carro, obviamente da mãe. — Obrigada por nos trazer.

— Disponha, senhora. Boa viagem — respondeu o taxista, afastando-se.

— Nunca temos sorte com táxis, né? Que carro velho — Stella resmungou, observando o táxi se afastar. Thea lançou um olhar reprovador à filha. Apesar de ser uma mulher de natureza gentil, ela sabia fazer caretas memoráveis. — Não me olhe assim, estou carregando todo o peso.

— Está bem, vou mudar minha expressão. Agora, mude a sua — contestou Thea.

— O que há de errado com a minha expressão? Não nasci assim?

Thea endireitou as costas, ajustando a bolsa no ombro. Ao redor delas, o burburinho típico do aeroporto crescia. Verificando seu relógio, a mãe começou:

— Definitivamente, você não nasceu com essa cara, Stella. Vamos, nosso voo está quase na hora.

Thea caminhou à frente, deixando Stella com as malas. A mulher tinha um andar peculiar, passos largos em pernas curtas. Stella começou a segui-la, mas parou de repente, incomodada com algo na sola do sapato.

— Ah, não! — exclamou, correndo para alcançar a mãe com a mala. — Pisei em um chiclete!

— Não! Sabe o que isso significa? — Thea sorriu divertida, enquanto Stella se preocupava com a goma rosa no sapato.

— O quê? — Stella perguntou, relutante.

— Que nossa viagem será fantástica! — Thea disse entusiasmada, contudo Stella não compartilhou do mesmo ânimo. Thea, jovial para sua idade e com um senso de humor que não combinava com a filha de temperamento mais ácido, às vezes entrava em conflito com Stella como pássaros em uma gaiola.

— Quem disse isso, hein? — tentou, mas sua mãe já a havia deixado para trás mais uma vez.

Contagiada pelos eventos das últimas semanas e as razões de estarem naquele aeroporto, Stella relembrou o motivo de sua primeira viagem internacional. Inspirando profundamente, caminhou, sem imaginar que as circunstâncias seriam tão peculiares.

Tudo começou em uma madrugada, logo após Stella completar catorze anos. A casa estava quieta, com sua mãe dormindo. A jovem, movida pela insônia e a fome, decidiu buscar sobras do bolo de aniversário na cozinha. Precisava ser cautelosa, qualquer barulho ou respiração alta poderia revelar seu plano.

Três da manhã no relógio, e Stella esperava que tudo corresse bem.

A garota conseguiu chegar à cozinha de forma silenciosa, encontrando na geladeira metade de um bolo de chocolate. Com o bolo em uma mão e uma caixa de leite na outra, se dirigiu à bancada. Comer naquela calada da noite era um prazer secreto, entretanto, para uma adolescente inquieta, isso não era suficiente.

A vontade de assistir TV enquanto comia era ainda mais irresistível.

Sabendo que não era a melhor das ideias, principalmente para alguém que não era conhecida por sua destreza, Stella foi até a sala e pegou o controle remoto. Parada, ponderava sobre o volume da TV. Se estivesse alto, teria que ser rápida para silenciá-la. Stella esboçou uma careta como costumava fazer.

A garota estava de férias, sentindo-se um espírito livre, embora limitada pelas poucas aventuras e descobertas próprias de sua idade.

Naquele momento, seu maior ato de coragem era ligar a TV e sua maior realização, comer enquanto assistia. Quando ligou o aparelho, o volume alto ressoou pela casa, despertando sua mãe com um grito de susto.

Agora seria o momento de explicar, de revelar o porquê da necessidade de Stella ser tão cuidadosa à noite. Todavia, talvez seja melhor contar o resto mais tarde.

Stella correu para o quarto de Thea, sua mãe. Ao entrar, encontrou-a na mesma posição de sempre, a mesma que adotara nos últimos cinco anos. Desorientada, como se estivesse aprisionada em uma escuridão constante. Mesmo acordada, tinha a aparência de quem dormia um sono profundo.

— A bebê! — a exclamação não partiu de Stella. — Onde você a deixou?

Stella apressou-se para a cama, unindo-se à mãe. Ela tinha pensamentos confusos sobre aquelas situações, mas raramente os verbalizava. Não podia fazer perguntas que sua mãe seria incapaz de responder.

— Mãe, o que houve? Assustou-se novamente?

— Stella, filha... você viu?

— Vi o quê, mãe?

— Algo escuro, um barulho... Não consigo me lembrar bem.

— Foi só a TV, mãe. Desculpa, estava alta.

Thea assentiu.

— Pode pegar água para mim? Estou com dificuldade para respirar...

Stella se levantou para buscar a água, no entanto saiu murmurando:

— A senhora está respirando, mamãe.

A relação entre mãe e filha era harmoniosa e compreensiva, na maioria das vezes. Elas eram boas companheiras, mas tudo mudou com a morte do pai de Stella. Desde então, Thea sofria de pânico noturno. Os remédios não funcionavam, as terapias foram abandonadas e as sessões de hipnose nunca foram utilizadas. A condição se tornou uma constante, e o assunto foi silenciado. Em várias noites, era Stella quem acalmava a mãe de um susto ou medo repentino.

— Aqui está a água — disse Stella, entregando o copo.

— Assustei-me de novo? Gritei?

— Sim. Falou de um bebê, como costuma fazer.

— Devo falar de você na próxima vez? — Thea tentou brincar, porém Stella não sorriu.

— Vou desligar a TV e deitar com você. — A adolescente se afastou.

— Isso na sua boca é chocolate?

Stella não respondeu. Saiu bocejando e coçando a cabeça.



Na tarde seguinte, Stella estava deitada no sofá, alternando entre seu celular e um programa de animais selvagens na TV. Sua mãe chegou às sete da noite, visivelmente agitada, com algo importante a dizer, algo que Stella só percebeu na hora do jantar.

Sentadas à mesa com pratos de macarrão, Thea se abriu enfim:

— Filha, andei refletindo...

— Sobre o quê? — perguntou Stella, mastigando.

— Sobre minha condição. Acho que preciso buscar ajuda, de verdade dessa vez.

Stella fixou o olhar nas irises castanhas da mãe, tão parecidas com as suas.

— Ajuda de verdade? Tipo, para seus gritos noturnos?

— Sim. Isso está nos desgastando. Precisamos mudar isso. O que acha?

Stella assentiu vigorosa.

— Claro que concordo. Eu mesma posso marcar uma sessão com o...

— Na verdade — Thea a interrompeu, hesitante —, você pode achar loucura, mas deixe-me explicar. Só ouça.

Stella perdeu o interesse pelo macarrão.

— Estava conversando com minha colega, Sarah Huang. Você a conhece.

— A que fala engraçado?

— Ela é chinesa, Stella. De qualquer forma, mencionei meu problema do sono e hoje ela me falou sobre uma história.

Stella olhou para a mãe, incentivando-a a continuar.

— Na Ásia, existem pessoas... Como posso dizer? Curandeiros, eu acho. Sarah disse que eles não gostam desse termo, mas enfim. Eles tratam distúrbios inexplicáveis. Sarah me falou sobre um parente que sofria de TOC e se curou depois de visitá-los.

Stella piscou, um tanto cética.

— Tudo bem. Deve ser um lugar incrível para curar alguém assim tão rapidamente. Solo sagrado, talvez... — brincou a filha, mas a mãe não achou graça. — Desculpe, continue.

— Ele pensava que era incurável, mas lá, eles o ajudaram — continuou Thea.

— E quem são *eles*? — Stella questionou, tentando entender a proposta da mãe.

— Eles estão no Japão... em um lugar chamado Yokaze. É tipo uma pousada, um refúgio para descanso.

— No Japão? Que conveniente.

Curiosa, Stella buscou o nome no celular. As imagens e descrições do local surgiram na tela.

— Yokaze. ‘Um oásis de calma para aqueles que buscam descanso e noites tranquilas’ — leu Stella, intrigada. — O que mais uma pousada poderia oferecer?

Thea aproximou-se para ver as imagens.

— Veja que lugar lindo. E essa árvore... é impressionante.

— Não menciona nada sobre curandeiros aqui.

— Eles são discretos.

— Parece meio... ilegal.

— Muitos não acreditam.

— E a senhora acredita? — Stella encarou a mãe. — Quero dizer, a senhora sempre faltou às sessões de hipnose. Agora quer ir ao Japão? Aposto que nem temos dinheiro para isso.

— É diferente agora. Talvez seja nosso destino.

— Destino?

— Yokaze se move, eles não ficam em um lugar só. É uma coincidência estarem no país onde seu pai e eu nos conhecemos. Pode nos aproximar da sua cultura.

Stella murchou ao ouvir a referência ao seu pai.

— Seja sincera, mãe. — Stella a fitou, firme. — A senhora quer ir lá pela sua condição ou para se conectar com a memória do papai?

Thea sorriu com tristeza.

— E se for por ambos os motivos, é tão errado assim?

— Se for por isso, não quero ir — Stella declarou, surpreendendo Thea com sua reação. — Não quero ir ao Japão por causa do papai, não quero visitar o país onde vocês se conheceram, nem me conectar com a minha cultura. Não posso me prender ao que não é real. Também não deveria, mãe.

Thea mordeu o lábio inferior, observando Stella tão determinada e séria. Lentamente, a mulher se afastou da mesa, com as mãos entrelaçadas atrás do corpo.

— Oh, acho que... — Thea hesitou um pouco. — Vou me deitar. Preciso acordar cedo amanhã, tenho trabalho! — A mãe sorriu, entretanto soou forçado. Stella observou sua mãe se afastar. — Você se importa de limpar a cozinha? Ah, e não esqueça de escovar os dentes!

Thea desapareceu em direção ao quarto, deixando Stella sozinha. A adolescente apoiou os cotovelos na mesa.

— É mais provável que a senhora esqueça de escovar os seus, mãe — murmurou.

Na aula de Taekwondo, Stella estava distante, perdida em pensamentos. Era raro para a jovem se sentir tão absorta. Aquela manhã, antes de a mãe ir para o trabalho e deixá-la na aula, notou o quão distraída Thea estava. Normalmente, Stella preparava o café da manhã para as duas, com ovos, queijo, bacon e torradas. No entanto, naquele dia, a mãe parecia alheia, comendo o ovo quente, derramando café e até mesmo queimando seu casaco com o ferro.

No trânsito, a situação foi semelhante. Thea recebeu buzinas e xingamentos, desviou-se do trajeto e esqueceu de lembrar Stella de colocar o cinto de segurança.

— Que irresponsabilidade — a garota murmurou, atraindo olhares de Noemi, sua parceira de treino.

— Você está lenta hoje — observou a amiga, enquanto Stella executava um chute frontal. — Seu chute também está fraco.

Stella a ignorou, concentrando-se em seu próprio rosto carrancudo.

— Vai viajar nas férias? — perguntou ao trocarem de posição.

— Praia, eu acho — respondeu Noemi, desferindo um chute.

— Eu adoro a praia — disse Stella, franzindo o nariz com exasperação.

— E você?

— Minha mãe quer me levar para o exterior. — Noemi pausou seu movimento.

— E por que essa cara? Não é todo dia que se vai para o exterior.

— Não é só isso. Ela quer ir ao Japão. Lembra quando ela me fez gostar de sushi para me conectar com minha cultura? Logo eu, que prefiro pizza — dizia com indignação. — Aposto que quer fazer isso de novo.

— Seu pai era japonês, certo? — indagou a amiga. Stella assentiu.

— Sim, eles se conheceram lá.

— Mas você não parece japonesa.

— Porque não sou! Nasci aqui — rebateu com obviedade.

— Ainda assim, é uma viagem incrível. Eu adoraria ir. Posso ir no seu lugar?

— Seria bom se fosse apenas uma viagem turística.

— Não é só isso?

— Eu... — Stella foi interrompida por um chute de Noemi, quase perdendo o equilíbrio. — Mais devagar.

- Mas por que sua mãe quer ir ao Japão de repente?
- Esquece, deixa para lá — falou Stella, frustrada.
- Você sempre começa a contar algo e para no meio. Quero saber!
- Vamos trocar de novo — Stella disse, se preparando. — Agora vou chutar para valer.

Dias depois, a tensão estranha havia desaparecido em casa e tudo parecia fluir normal. Stella, deitada no sofá, navegava no celular, com a TV ao fundo. Thea chegou trazendo comida da rua.

— Como foi o trabalho? — questionou Stella, sem desviar os olhos do aparelho, mordiscando seu sanduíche recheado.

— Foi bom — respondeu Thea, notando a distração da filha. — O que tanto vê no celular?

— É a Noemi. Ela vai passar as férias na praia e está me mandando fotos. Olha, ela viu um golfinho! — Stella mostrou a tela com entusiasmo. — Queria poder ir também.

— Podemos marcar. Que tal irmos também? — sugeriu Thea, comendo sua salada. Stella sorriu radiante.

— Sério?! Podemos ir?

Thea assentiu, animada, quando um toque de celular interrompeu o momento.

— Seu celular está tocando.

— Pode pegar para mim? Está na bolsa — disse Thea, apontando para o sofá.

Stella limpou as mãos na blusa e foi até a bolsa enorme de sua mãe. Enquanto procurava o celular, encontrou algo inesperado.

— O que é isso? — perguntou, segurando alguns papéis.

— Ah, são itinerários de uma agência de viagens. Pode jogar fora — desdenhou Thea, quando o celular voltou a tocar. Stella o entregou. — É do trabalho, já volto.

Sozinha, Stella observou os papéis. “A viagem da sua vida” — dizia o panfleto. Foi até a cozinha, pronta para jogar os papéis no lixo, mas hesitou. As imagens do itinerário martelando sua mente. Com um suspiro resignado, esperou por Thea.

— Por que não jogou fora? — perguntou a mãe ao voltar, vendo o panfleto na mão da filha.

— Não esqueça. Me disse que iríamos à praia — lembrou Stella.

— Sim, eu sei. Acabamos de falar sobre isso.

Stella pegou seu sanduíche.

— Vamos à praia depois do Japão — anunciou.

Thea engasgou, surpresa.

— O quê? Pensei que não quisesse ir.

— Eu vou, mas com uma condição. — Stella olhou para a mãe. — Essa viagem precisa ser séria, e se não ajudar, vai para terapia e hipnose. Sem desculpas. E sem me obrigar a comer peixe cru! Eu prefiro comida bem cozida.

Na manhã da partida, Stella e Thea chamaram um táxi para o aeroporto, com destino ao Japão. Stella, dividida internamente, desejava poder se repreender por ter aceitado a viagem. Ela se esforçava para não deixar transparecer sua relutância, temendo magoar a mãe. Por dentro, tudo parecia surreal.

— Eu não acredito, é real! — Thea exclamou com uma risada feliz quando o anúncio do voo delas ecoou pelo aeroporto. — Não vou lá desde que namorava seu pai.

Stella deixou a cabeça cair para trás. Elas se levantaram, misturando-se à multidão. Thea passou o braço ao redor dos ombros de Stella, abraçando-a de lado.

— Vai ser incrível, não vai?

— Sim. Vai, sim — Stella respondeu após uma pausa, ouvindo a mãe ensaiar um tímido “Kon’nichiwa”.



Durante o voo, Stella lutou contra a náusea enquanto as nuvens brancas lá fora só agravavam seu desconforto. A atenção constante da aeromoça, embora bem-intencionada, apenas aumentava sua sensação de constrangimento. Não conseguia relaxar.

Por fim, vencida pelo cansaço, Stella adormeceu, acordando só quando a mãe a avisou de sua chegada. Desembarcando no aeroporto de Naha, percebeu que não havia mais volta.

— Ainda está enjoada? — perguntou Thea, preocupada.

Stella, já se sentindo melhor, optou por não ser completamente honesta. Não queria que a mãe se sentisse culpada ou considerasse a possibilidade de voltar.

— Está tudo bem, mãe — disse Stella, mesmo duvidando que se sentiria melhor tão cedo.

Era fim de tarde quando chegaram ao aeroporto. A agitação e alegria dos outros passageiros só agravavam a irritação de Stella. Resmungou baixinho, certificando-se de que a mãe não a ouvisse.

Em seguida, estavam em um táxi rumo à pousada. Thea aproveitou para praticar seu japonês com o motorista, que falava fluente o idioma delas. Após uma hora de viagem, chegaram ao destino. Stella foi acordada pela mãe, e quando saíram do carro, sentiram a noite quente e ventosa.

Ao se depararem com a fachada da pousada, mãe e filha ficaram admiradas. Tijolos negros, trepadeiras entrelaçadas e um alpendre elegante as recebiam. A beleza do lugar era inegável, emanando uma atmosfera pacífica e acolhedora. As árvores com folhas escuras, o canto baixo das aves e as luzes amarelas criavam um caminho convidativo até a entrada da pousada. Era um lugar simples, mas harmonioso.

Uma placa artesanal enfeitava a parede de tijolos da pousada Yokaze, com desenhos simples de duas figuras de mãos dadas.

— Estou impressionada — confessou Thea, com os olhos brilhando de entusiasmo.

— Dá para ver.

Elas caminhavam timidamente, observando tudo ao redor. Thea carregava a mala e Stella ajustava sua mochila, enquanto ambas absorviam cada detalhe do lugar.

Perto de uma cerejeira exuberante, viram uma mulher usando um quimono branco elegante. Stella pensou imediatamente em um “roupão”, entretanto percebeu que era muito mais refinado.

A mulher, percebendo a chegada delas, sorriu e acenou.

— Devemos ir? — indagou Stella.

— Ela está nos chamando — disse Thea, encaminhando-se para a cerejeira.

Diante da mulher alta, que se apresentou como Moon, Thea tomou a iniciativa.

— Acabamos de chegar! Estamos um pouco desorientadas. — Riu Thea.

Stella queria dizer que não estava desorientada, apenas fora de casa. Moon acenou com a cabeça, compreensiva.

— Espero que encontrem o descanso que procuram. Porém, antes, gostariam de deixar um desejo na cerejeira?

— Um desejo? — Thea pareceu encantada.

— Escrevam em um papel e amarrem no galho. Para dar sorte... — explicou Moon, apontando para o banco onde papel e lápis estavam disponíveis.

— Mesmo!? — soltou Thea. — É claro, eu adoraria. O que posso pedir?

— O que seu coração quiser, mas não esqueça de ser altruísta, pois nem sempre é lembrado o coração egoísta.

Thea rapidamente escreveu seu desejo e o amarrou na árvore.

— Sua vez, Stella.

Stella hesitou.

— Não quer escrever? — perguntou Thea.

— Está tudo bem — interveio Moon. — Se não tem um desejo agora, pode deixar para quando partir. Vamos, devem estar cansadas.

Mãe e filha se afastaram, e Stella lançou um olhar curioso para a mulher.

— O que você pediu?

Thea sorriu, mantendo o mistério.

— Algo especial. E você, pensou em algo?

— Ainda não — Stella murmurou. — Diga, vai.

Thea sorriu levemente diante da curiosidade de Stella.

— Pedi pela paz mundial. — A filha piscou, sem acreditar, diante da resposta.

— Mãe, não acha que todo mundo já pediu isso? — Stella contestou com um toque de sarcasmo. — Um pouco mais de originalidade, por favor.

Thea começou a dizer algo, mas Stella se distraiu, notando que Moon desaparecera misteriosamente de onde estava. Lá em cima, a Lua iluminava o caminho delas até a entrada da pousada.

Pela porta principal, foram recebidas por um aroma refrescante de flores. O saguão era acolhedor, com uma iluminação suave que quase convidava Stella ao sono. Elas se sentaram em um sofá confortável, observando o senhor solitário no balcão de atendimento.

— Fique aqui, vou cuidar do pagamento — disse Thea.

— Espera, você não disse nada sobre pagamento. — Stella agarrou o braço da mãe. — Pensei que isso fosse uma espécie de serviço comunitário.

— Precisamos pagar pelo serviço dos outros, Stella. Vai dar tudo certo — respondeu Thea, tentando parecer confiante.

Mas Stella notou a insegurança escondida no sorriso da mãe. Observando-a à distância, refletiu sobre a determinação repentina de Thea em buscar ajuda e melhorar. Stella desejava que a mãe se concentrasse somente nisso e deixasse o passado para trás. No fundo, apesar de suas reservas, queria acreditar que aquela viagem poderia trazer alguma mudança positiva para as duas.

Estava habituada às noites mal dormidas e aos sustos que a condição da mãe causava, todavia nunca havia considerado que tudo isso pudesse realmente acabar. Agora, tentava ver as coisas de uma forma mais positiva,

lembrando-se de se orgulhar da mãe e controlar seu próprio ceticismo. *“Não vai ser nada fácil”,* pensou.

— Água? — a voz de Moon a tirou de seus pensamentos.

Stella olhou para cima, vendo Moon com uma bandeja. Havia um copo e uma jarra de água decorada com pétalas roxas.

— Não, obrigada, trouxe minha própria garrafa. — Stella começou a procurar sua mochila, mas não a encontrou, nem a mala da mãe.

— Ah, suas malas? Já foram levadas aos quartos — explicou Moon, com um sorriso tranquilizador.

— Levadas por quem?

— Pelo Touro, um de nossos funcionários — disse, apontando para um jovem que desaparecia por um corredor com as malas.

Stella aceitou a água, ainda um pouco irritada, e observou as pétalas flutuando.

— As pétalas são só decoração — sussurrou Moon. — Fazem a água ficar mais bonita, mas são limpas.

— Okay — Stella respondeu, bebendo em seguida. Observou a mãe conversando animadamente com o atendente no balcão. Moon sentou-se ao seu lado.

Um casal passou por Stella e Thea, emergindo dos corredores. O homem parecia exausto enquanto a mulher radiava energia e alegria.

— Ele também tem... hum... problemas? — perguntou Stella, curiosa.

— Ele não, mas ela, sim — respondeu prontamente. — A esposa tinha dificuldades para dormir. Agora, acredito que tudo será diferente.

Stella sentiu o coração acelerar.

— Então, podem realmente ajudar minha mãe? Ela até dorme, mas sempre acorda assustada, como se estivesse em um terrível pesadelo. Seus gritos poderiam acordar um bairro inteiro.

Moon não respondeu de imediato, observando o casal cumprimentar o senhor no balcão e se despedir. Stella interpretou o silêncio de Moon como o fim da conversa. Logo sua mãe voltou, acompanhada pelo senhor mais velho. As que estavam sentadas se levantaram, e Moon se posicionou ao lado do homem. Thea fez o mesmo com Stella.

— Sejam bem-vindas ao Yokaze — disse o senhor mais velho, curvando-se junto a Moon. — Estamos felizes com a presença de vocês.

— Essa é Stella, minha filha. E esse é o senhor Tatsuo, ou mestre Tatsuo, dono da pousada — apresentou Thea. Stella acenou com a cabeça.

— Se seguirem por esse corredor, encontrarão o quarto de vocês. — O homem as direcionou. — Senhora, que tal um banho? Vou chamá-la em meia hora.

— Ah, certo — concordou Thea.

As duas caminharam pelo corredor até encontrar apenas uma porta de correr no final.

— Só tem um quarto? E o casal acabou de sair. Somos só nós na pousada? — questionou Stella.

— Não sei. Realmente não vi mais ninguém, mas o lugar é grande — comentou a mãe.

No quarto, Thea ficou encantada com a banheira e os saís de banho, enquanto Stella se jogou na cama. Havia pequenas decorações no teto, muitas estrelas e as fases da lua. A garota achou tudo curioso. Parecia perfeito demais.

— Pode aproveitar a banheira — disse Stella. — Eu não vou sair daqui tão cedo.

A mãe apareceu na porta do banheiro.

— Na verdade, você vai ter que vir comigo.

— Eu tenho que ir? Por quê? — Stella se sentou, subindo as sobrancelhas.

— É uma das regras daqui. Preciso estar acompanhada por alguém que me ama. E quem melhor que minha filha?

— Isso é estranho. E se começarem a fazer rituais esquisitos?

— Achei que você não acreditasse nessas coisas — respondeu Thea, rindo do banheiro.

Stella deitou-se novamente, tentando não se deixar levar pela negatividade.

Apesar da relutância, enquanto a mãe aproveitava o banho, a garota se esgueirava como um gato ao redor da pousada. Acabou por seguir o rapaz que viu mais cedo, levando sua mala. Ele aparentava ser novo, um pouco mais velho que ela. Stella só queria enchê-lo de perguntas, colocá-lo contra a parede e descobrir o que podia sobre eles.

Não que estivesse totalmente desconfiada, todavia, após assistir a tantos filmes, podia adivinhar os finais, prever o próximo movimento do roteirista, e sabia que tudo estava demasiadamente calmo para que ficasse quieta no quarto, sem bisbilhotar.

No corredor amadeirado, não conseguia passar despercebida, e por isso foi avistada pelo jovem chamado Touro, funcionário da pousada:

— Oh, senhorita, precisa de alguma coisa?

Stella analisou o trabalho que ele fazia. Organizava um armário embutido, vestido com roupas longas e quentes.

— Você é estagiário aqui? — questionou ela, cruzando os braços.

— Estagiário!? Eu não. Sou um funcionário fiel e integral. — O garoto tinha orelhas grandes e um nariz pequeno. Stella entortou o próprio nariz para ele.

— Como é um funcionário integral sendo tão jovem? Você não estuda?

— Bem, esses dias não tenho estudado muito por causa da temporada cheia de clientes. Mas já consigo ler sozinho.

A garota piscou, com os braços cruzados.

— O que quer dizer com isso? Não sabe ler?

Ele coçou a nuca, envergonhado.

— Eu sei que já deveria, mas a senhora Moon diz que não preciso ter pressa. Afinal, foi há pouco tempo que decidi aprender a escrever.

— Você não vai à escola?

— Não, nunca fui à escola. A senhora Moon foi gentil ao se oferecer para isso.

— Que esquisito. — Stella deu uma volta ao redor do garoto, que se encolheu. Olhava-o de cima a baixo. — Por que seu nome é Touro?

— Bem, porque... Por que eu tenho que responder isso mesmo? — soltou, ainda encolhido.

— Hum, de certo modo, deve ser um apelido. Diz aí para mim: há quanto tempo funciona essa pousada? Estão em dia com os impostos? Por que não há nenhuma avaliação na página de vocês? Seguem tudo conforme a lei ou não?

Touro se endireitou.

— Depende de que lei esteja falando. Por qual motivo faz tantas perguntas, senhorita?

— Sou curiosa. E estou preocupada.

— Preocupada? Preocupada com o quê?

— Com a minha mãe, é claro. — Ergueu os braços, falando o óbvio. — Ela veio para ser atendida por vocês, entretanto não sei bem o que esperar. Não estaria preocupado também se fosse você no meu lugar?

— Nesse caso, pode ficar tranquila. Basta seguir tudo aquilo que disser o mestre Tatsuo que tudo ocorrerá bem. Tenho certeza disso.

— Como pode ter tanta certeza de algo quando sequer conhece a mim ou minha mãe? Ainda é esquisito, sabia?

Stella saiu andando, deixando-o sozinho, mas atenta ao que ouvira dele.

Garoto estranho.

Àquela altura, só esperava que a mãe já estivesse no fim do banho.



Como prometido, Moon bateu à porta. A mulher agora tinha o cabelo solto e ainda usava o quimono de antes, sua expressão calma e suave. Moon sorriu para ambas, segurando algo nas mãos:

— Antes de irmos, por que não vestem isso?

— O banho de banheira foi a melhor coisa que aconteceu comigo há tempos. Foi tão relaxante — Thea comentou entusiasmada.

As três caminhavam juntas pela passagem. Moon as guiou para fora, mostrando um pequeno jardim. Stella, porém, estava mais interessada no quimono vermelho que vestia, tão macio e bonito. Moon explicou que se sentiriam mais confortáveis, e a adolescente concordou, achando a roupa tradicional agradável.

— Que bom que gostou do banho. Nós ficamos felizes.

Desceram pela pequena escada e admiraram o jardim a céu aberto.

— Por que não sentam ali? Me deem um minuto, verei se o senhor Tatsuo está pronto.

Moon caminhou em direção a um quarto, subiu dois degraus e deslizou a porta de correr para entrar. Mãe e filha se acomodaram em um banco perto de uma árvore, mergulhando em silêncio, quebrado depois por Thea:

— Filha?

— O quê?

— Falando com o senhor Tatsuo mais cedo, perguntei se minha condição teria cura.

— O que ele disse? — Stella virou-se para a mãe que fitava o horizonte.

— Disse que não dependia de mim.

— Isso é bom, não é? A senhora sempre quis isso.

A mãe abaixou a cabeça.

— Sim, mas perguntei: “E de quem vai depender, então?”.

— E ele?

— Ele respondeu: “Veremos”.

Stella ficou pensativa.

— Mãe, o que vai acontecer com você? Vão colocá-la para dormir? — questionou a jovem, aturdida.

Moon retornou, dizendo a Thea que podia entrar. Disse que após Thea adormecer chamaria Stella. A menina fez uma careta, trocando olhares com a mãe, que sorriu sem jeito. Thea caminhou lentamente, subiu os degraus e fechou a porta.

Stella suspirou, observando Moon se sentar ao seu lado. Após um momento em silêncio, perguntou:

— Por que sou necessária aqui? O panfleto mencionava duas pessoas, mas não especificava meu papel. É estratégia de marketing serem tão discretos?

— Sobre sua pergunta mais cedo, desculpe por não responder — começou Moon, ignorando a última questão. Stella assentiu. — A verdade é que não sabemos. Trabalhamos duro sem garantias, mas acreditamos que todo esforço é recompensado. — Stella ouvia, temerosa. — Não se preocupe. Vai dar tudo certo. Posso ajudar em algo mais?

— Pode me levar de volta para casa? — a voz de Stella soou como um desabafo. Moon pareceu desapontada.

— Você está triste. Lamento.

— Não é sua culpa. — A adolescente tentou sorrir, e Moon retribuiu.

— Stella — A mulher olhou para o céu sem Lua —, não esqueça de olhar para cima. E lembre-se: posso ser qualquer coisa.

— Está falando do quê?

A porta deslizou mais uma vez. O mestre Tatsuo apareceu.

— Criança? Pode vir agora.

Stella deu passos largos, a pressa evidente em sua linguagem corporal. Amarrando o cabelo negro em um rabo de cavalo, subiu os degraus e deixou os chinelos na entrada do quarto, pisando na madeira fria. Acenou com a cabeça para o mestre Tatsuo ao entrar.

O mestre não era muito alto, um homem de idade com rugas ao redor dos olhos baixos e fios brancos em sua pouca barba. Sua careca brilhava, e ele exalava serenidade.

Ele indicou com o braço para que Stella avançasse. Mais adiante, ela viu Thea dormindo em uma rústica cama oval.

— Mãe? — chamou baixinho.

— Ela dorme agora, mas prefiro chamar de cochilo — disse o homem.

Stella assentiu. Observou que no cômodo, além da cama da mãe, havia apenas mais uma.

— Senhor Tatsuo... por que estou aqui?

Os dois se encararam. O mestre suspirou antes de responder:

— Sua presença é tão necessária quanto a de sua mãe. Sem você, o que ela busca não será possível.

Stella sacudiu levemente a cabeça, confusa.

— Sem mim? Não entendo... Como posso ajudar?

— Existem traumas escondidos na mente humana, difíceis de esquecer. Sua mãe já não consegue lutar por si própria. É por isso que você está aqui.

— Pode ser mais claro?

O mestre assumiu uma postura séria.

— Stella, você precisa encontrar e destruir os traumas de sua mãe.

Stella cerrou os punhos, franzindo o cenho.

— O quê?

— Você precisa encontrar...

— Eu ouvi — interrompeu Stella, sarcástica. — Isso é teatro. Vocês são charlatões, explorando o desespero das pessoas! Vou acordar minha mãe e sairemos daqui!

Ela virou-se para acordar Thea, mas o mestre estendeu a mão.

— Não pode. Ela já está na fase um do sono e logo entrará na fase dois. Estamos perdendo tempo.

— Do que está falando? Não me impeça. MÃE! Acord... — antes que terminasse, Tatsuo tocou sua testa e Stella caiu como uma pluma para trás, como se acometida por um sono profundo.

— Terei que convencê-la do outro lado — murmurou o mestre Tatsuo.

